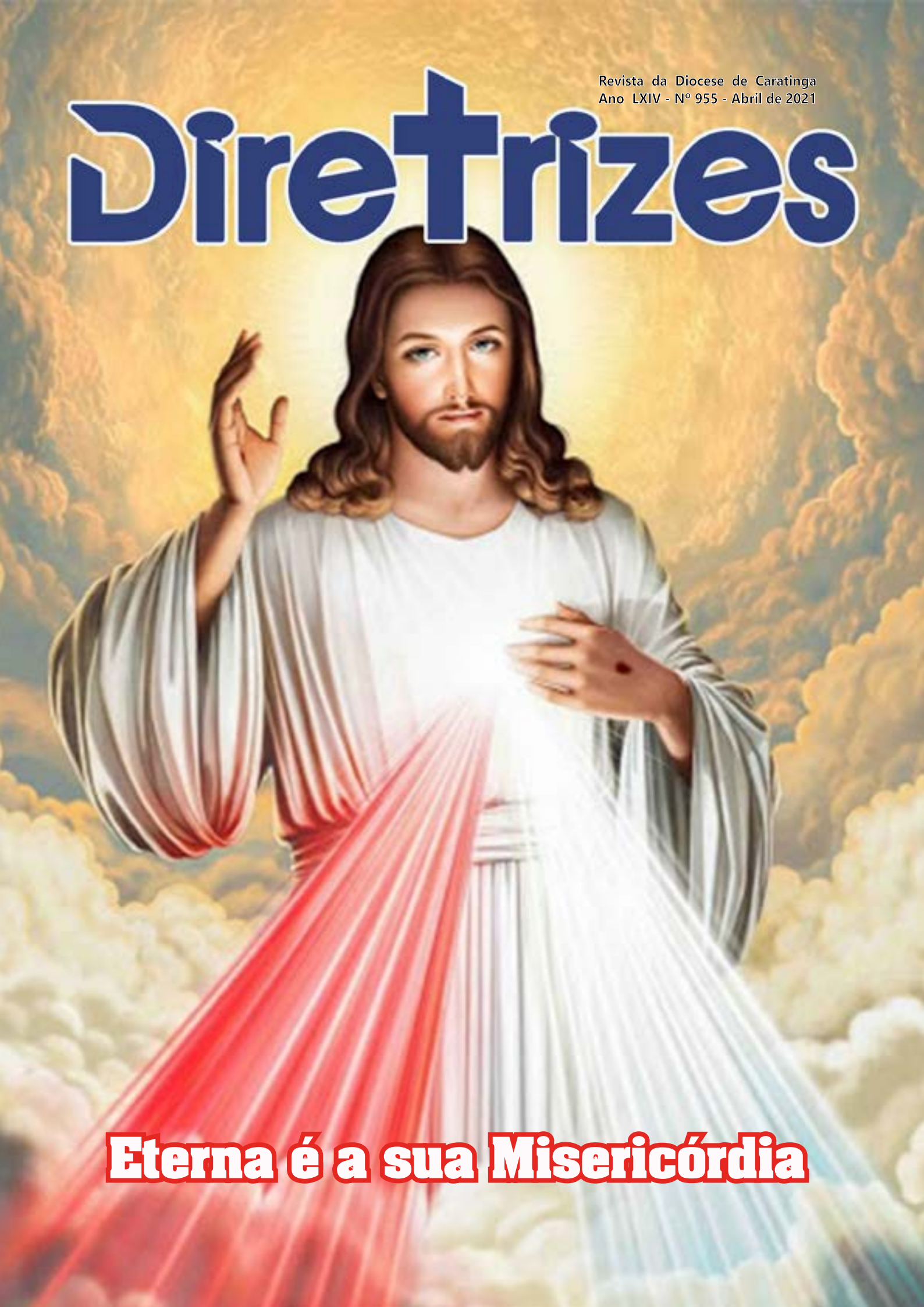
Revista da Diocese de Caratinga
Ano LXIV - Nº 955 - Abril de 2021

Diretrizes



Eterna é a sua Misericórdia

2 de abril

São Francisco de Paula

Tiago era um simples lavrador que extraía do campo o sustento da família.

Muito católico, tinha o costume de rezar enquanto trabalhava, fazia seguidos jejuns, penitências e praticava boas obras. Sua esposa chamava-se Viena e, como ele, era boa, virtuosa e o acompanhava nos preceitos religiosos.

Demoraram a ter um filho, tanto que pediram a intercessão de São Francisco de Assis, para obterem a graça de terem uma criança, cuja vida seria entregue a serviço de Deus, se essa fosse sua vontade.

No dia 27 de março de 1416, nasceu um menino que recebeu o nome de Francisco, em homenagem ao Pobrezinho de Assis.

Aos onze anos, Francisco foi viver no convento dos franciscanos de Paula. Dois anos depois, vestiu o hábito, mas teve de retornar para a família, pois estava com uma grave enfermidade nos olhos.

Junto com seus pais, pediu para que são Francisco de Assis o ajudasse a ficar curado. Como agradecimento pela graça concedida, a família seguiu em peregrinação para o santuário de Assis e, depois, a Roma. Nessa viagem, Francisco recebeu a intuição de tornar-se um eremita.

Assim, aos treze anos, foi dedicar-se à oração contemplativa e à penitência, nas montanhas da região. Viveu por cinco anos alimentando-se de ervas silvestres e água, dormindo no chão, tendo como travesseiro uma pedra. Foi encontrado por um caçador, que teve seu ferimento curado ao toque das mãos de Francisco, que o acolheu ao vê-lo ferido.

Depois disso, começou a receber vários discípulos, desejosos de seguir seu exemplo de vida dedicada a Deus. Logo Francisco de Paula, como era chamado, estava à frente de uma grande comunidade religiosa.

Fundou primeiro um mosteiro e, com isso, consolidou uma nova Ordem Religiosa, a que deu o nome de "Irmãos Mínimos". As Regras foram elaboradas por ele mesmo. Seu lema era: "Quaresma perpétua", o que significava a observância do rigor da penitência, do jejum e da oração contemplativa, durante o ano todo, seguida da caridade aos mais necessitados e a todos que recorressem a eles.

Milhares de homens decidiram abandonar a vida do mundo e foram para o mosteiro de Francisco de Paula, por isso teve de fundar muitos outros. A fama de seus dons de cura, prodígios e profecia chegou ao Vaticano, e o papa Paulo II resolveu mandar um comissário pessoalmente averiguar se as informações estavam corretas.

E elas estavam. Constatou-se que Francisco de Paula era portador de todos esses dons. Ele previu a tomada de Constantinopla pelos turcos, muitos anos antes que fosse sequer cogitada, assim como a queda de Otranto e sua reconquista pelos cristãos.

Diz a tradição que os poderosos da época tinham receio de suas palavras proféticas. Por isso, sempre que Francisco solicitava ajuda para suas obras de caridade, era prontamente atendido.

Quando não o atendiam, ele dizia-lhes que não deviam se esquecer do que Jesus dissera: que depois da morte eles seriam inquiridos sobre o tipo de administração que fizeram aqui na terra. E só essa lembrança era o bastante para receber o que havia pedido para os pobres.

Depois, o papa Sixto IV mandou que Francisco de Paula fosse à França, pois o rei, Luís XI, estava muito doente e desejava preparar-se para a morte ao lado do famoso monge. A conversão do rei foi extraordinária. Antes de morrer, restabeleceu a paz com a Inglaterra e com a Espanha e nomeou Francisco de Paula diretor espiritual do seu filho, o futuro Carlos VIII, rei da França.

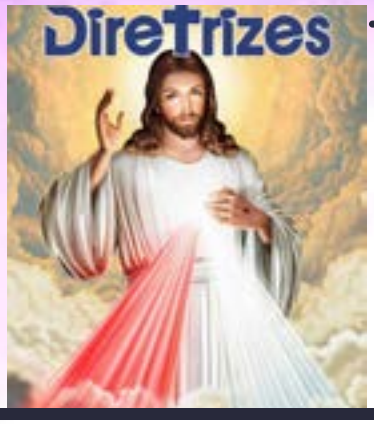
Francisco de Paula teve a felicidade de ver a Ordem dos Irmãos Mínimos aprovada pela Santa Sé em 1506.

Ele morreu aos noventa e um anos de idade, no dia 2 de abril de 1507, na cidade francesa de Plessis-les-Tours, onde havia fundado outro mosteiro.

A fama de sua santidade aumentou. Tanto que, doze anos depois, em 1519, o papa Leão X autorizou o culto de são Francisco de Paula, cuja festa litúrgica ocorre no dia de sua morte, 2 de abril.

São Francisco de Paula, rogai por nós!

SUMÁRIO



12 Capa

08 Palavra do Pastor

10 Palavra do Papa

16 Direkids

EDITORIAL

Jesus, eu confio em vós!

Estamos vivendo tempos incertos. Uma doença terrível assola a humanidade e ceifa inúmeras vidas. Os cientistas e pesquisadores se esforçam para entender o que está acontecendo. Conseguiram criar algumas vacinas, mas nada cem por cento eficaz. E, como se o vírus risse de nós, logo que apareceram essas tais vacinas, mutações do vírus foram notificadas em vários países do mundo. Quando um fio de esperança surgiu, uma segunda onda do vírus, com cepas ainda mais resistentes, invade o mundo e nos encaminha para uma terceira onda ainda mais transmissível.

Diante disso, ficamos apreensivos, sem ter o que fazer, frágeis e sós. Talvez chegamos a experimentar a solidão que Jesus sentiu no Calvário: "Pai, por que me abandonastes?" Participamos da tristeza dos apóstolos, logo após a crucificação do Senhor: estamos presos, isolados, com medo e nos sentimos sozinhos. Porém, em meio a tantas dúvidas, tanta dor e solidão, Jesus Misericordioso vem até nós e nos mostra suas feridas, nos pede para tocá-las, pois Ele nunca nos abandonou e nem abandonará. Ninguém amou a humanidade mais que o seu Criador: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que lhe deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3,16). Nós vacilamos porque, assim como Tomé, não acreditamos neste amor maior.

Santa Faustina, em seu diário, escreveu: "A luz divina pode mais num momento, do que o meu tormento de vários dias" (D.1250). A todo instante, Ele sussurra em nossos ouvidos: "Tende confiança, sou Eu, não temais!" (Mt 14, 27). Ele pode muito mais que todos nós. Por isso, nossa maior confiança deve ser depositada em seus braços, cheios de misericórdia.

Mesmo neste tempo de tantas incertezas, não podemos deixar que o medo nos paralise. Podemos exercer a misericórdia, como Jesus sempre nos pediu nos evangelhos, sem, contudo, nos arriscar e colocar em risco a vida de nossos irmãos. Pensa, quem sabe, através das redes sociais ou de um telefonema, podemos alcançar aquele irmão ou irmã que está sozinho. Deus irá te instruir para que isso aconteça. O que não podemos permitir é que o medo vença o amor, pois Cristo está conosco. Sigamos, confiantes na misericórdia Divina, na certeza de que tudo isso vai passar, e um novo tempo irá chegar.

Rezemos: Deus Santo, Deus Forte, Deus Imortal, tende misericórdia de nós e do mundo inteiro. Jesus, eu confio em vós!

DIRETOR
Dom Emanuel Messias de Oliveira
Bispo Diocesano de Caratinga

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mons. Raul Motta de Oliveira
Registro de Jornalista: Nº 1788 - MTPS-DR 36090/71

REDATOR
Pe. José Geraldo de Gouveia

COLABORADORES
Alba S. Soares (Editorial/Direkids), Evandro de Pádua Marcial (Capa), Pe. Agrimaldo José Teixeira (Direito Canônico), Diác. José Luciano Gabriel (Opinião), Dom Paulo Mendes Peixoto (Dom Paulo), Diego Andrade de Jesus Lelis (Reflexão).

CONSELHO EDITORIAL
Alba da Silva Soares, Bruno Kened Ferreira, Elias Eduardo Barboza, Emanuel Vitor de Souza Paulo, Gicelia Araújo Azevedo Oliveira, Jarbas Antônio Pires Viana, Marcio Antonio da Silva, Victor Emanuel Machado.

EDITORA
Alba da Silva Soares
Registro de Jornalista: MTB Nº 0019146/MG

DIAGRAMADOR
Itamar Batista de Gouveia
Registro de Jornalista Diagramador nº 0020530/MG

ARTE GRÁFICA
Gráfica - Editora Dom Carloto Ltda.

CORRESPONDÊNCIA
Livraria Dom Carloto
Praça Cesário Alvim 156, CEP 35300-036
Caratinga, MG
Tel: (33) 3321-2521 / (33) 3321-9558
E-mail: revistadiretrizes@gmail.com
Facebook: rdiretrizes@gmail.com
@revistadiretrizes

1º/4

Missa dos Santos Óleos e da Unidade Diocesana

Será transmitida às 9:30 pelo canal da Diocese de Caratinga

04/4

Domingo de Páscoa

Dom Emanuel Messias de Oliveira – Bispo Diocesano de Caratinga

A misericórdia divina na Bíblia

A comoção das entranhas

O Domingo da Divina Misericórdia foi instituído pelo Papa João Paulo II, no ano 2000, no segundo domingo da Páscoa. O que é a misericórdia divina? Um dos atributos mais essenciais de Deus é a misericórdia. A palavra significa a abertura dos corações (*córdia*) a todos nós, míseros (*miseri*), carentes, pecadores. A misericórdia divina é absolutamente indispensável a todo ser humano. São João Paulo II, como papa, disse uma vez: "Sem a misericórdia de Deus, estaríamos todos perdidos". Jesus é a misericórdia do Pai para com todos nós. Este termo de origem latina tem seu equivalente em hebraico "*rahamim*" (pouco usado), uma palavra que vem de entranhas, útero (*rehem*). Isto significa que quem é misericordioso é gerador de vida, que é a função do útero materno. Deus é amor maternal, visceral, para com todas as criaturas. Tudo é obra sua e toda a criação é uma obra de misericórdia. Em Jl (Joel) 2, 13, lemos: (Deus) "é benigno e compassivo, paciente e cheio de misericórdia, inclinado a perdoar o castigo". O castigo não é um atributo de Deus, mas a consequência concreta dos nossos pecados. O equivalente em grego ao termo hebraico "*rahamim*" é "*eleos*" (muito usado) e o verbo é "*splanchnízomai*" que é a comoção das entranhas. Antes de tudo, o termo "entranhas" é uma expressão feminina, indica as entranhas maternas, porém a palavra também exprime o amor que o pai tem pelo seu filho (Lc 15, 20): "Então, ele partiu e voltou para seu pai. Quando ainda estava longe, seu pai o avistou e foi tomado de compaixão ...", ou seja, comoveu-se em suas entranhas. A mesma coisa temos, por exemplo, no episódio da cura do leproso, em Mc 1, 40-41: "Um leproso aproximou-se de Jesus e, de joelhos, suplicava-lhe: 'Se queres, tens o poder de purificar-me'. Jesus encheu-se de compaixão (comoveu-se em suas entranhas), e estendendo a mão sobre ele, o tocou, dizendo: 'eu quero, fica purificado'."

Tanto no Primeiro Testamento como no Segundo, aparece muito a palavra misericórdia ou compaixão. Afinal, a Bíblia toda é uma palavra de misericórdia. Vem-me à mente a expressão "não quero sacrifícios, mas misericórdia" (Oséias 6, 6). Nas bem-aventuranças Jesus nos ensina: "Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia" (Mt 5, 7). Também Lc 6, 36 diz: "Sede misericordiosos, como vosso Pai é misericordioso."

Temos diversos gestos de misericórdia, nos evangelhos. Nos capítulos 8 e 9, onde Mateus reúne dez milagres, a misericórdia é o fio condutor, embora, às vezes, não apareça a palavra em si. Antes da multiplicação dos pães (Mc 6, 34), lemos: "Ao sair do barco, Jesus viu uma grande multidão e encheu-se de compaixão por eles (suas entranhas se comoveram), porque eram como ovelhas que não têm pastor." Na parábola do servo que devia dez mil talentos e suplicava compaixão (Mt 18, 27), lemos: "O senhor compadecendo-se (comovendo-se em suas entranhas) do servo, soltou-o e perdoou-lhe a dívida". Em Lucas, o centro do evangelho são as três parábolas de misericórdia, no capítulo 15, que poderíamos também chamar de parábola dos três perdidos: a ovelha perdida, a dracma (moeda) perdida e o filho perdido. Em todas as três, vemos a infinita misericórdia de Deus, sobretudo na última, que é melhor chamar "parábola do Pai misericordioso". Nesta, a misericórdia extravasa, quando o Pai acolhe o filho maltrapilho, o reveste com a túnica de filho e faz festa, "porque este teu irmão estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi encontrado". Nesta parábola, o pai é o protagonista, citado inúmeras vezes. A sua característica principal é a comoção das entranhas (Lc 15, 20). Aqui, o pai é mais pródigo no amor do que o filho ao esbanjar os bens. Sem dúvida nenhuma, um pai desse tipo é só Deus mesmo.

Vemos assim que o critério-guia da vida cristã é a misericórdia. Vamos parar por aqui, pois este artigo está começando a ficar longo.

Agenda do Pastor

Abril de 2021

01: Às 09h30min, Missa da Unidade, no Limoeiro.

12-16: Assembleia Nacional dos Bispos do Brasil. On-line.

Papa Francisco, Homilia – Igreja do Santo Espírito em Sassia, 19 de abril de 2020

A mão de Deus sempre nos levanta

"No domingo passado, celebramos a ressurreição do Mestre, hoje assistimos à ressurreição do discípulo. Passou uma semana; semana esta, que os discípulos, apesar de terem visto o Ressuscitado, transcorreram cheios de medo, mantendo «as portas fechadas» (Jo 20, 26), sem conseguir sequer convencer da ressurreição o único ausente, Tomé. Que faz Jesus perante esta incredulidade medrosa? Regressa, coloca-Se na mesma posição, «no meio» dos discípulos, e repete a mesma saudação: «A paz esteja convosco!» (Jo 20, 19.26). Começa de novo. A ressurreição do discípulo começa daqui, desta misericórdia fiel e paciente, da descoberta que Deus não Se cansa de estender-nos a mão para nos levantar das nossas quedas. Quer que O vejamos assim: não como um patrão com quem devemos ajustar contas, mas como o nosso Pai, que sempre nos levanta. Na vida, caminhamos tateando, como uma criança que começa a andar, mas cai; dá alguns passos e cai novamente; cai e volta a cair, mas sempre o pai a levanta. A mão que nos levanta sempre é a misericórdia: Deus sabe que, sem misericórdia, ficamos caídos no chão; ora, para caminhar, precisamos de ser postos de pé.

Podes dizer: "Mas, eu não paro mais de cair"! O Senhor sabe disso, e está sempre pronto a levantar-te de novo. Não quer ver-nos a pensar continuamente nas nossas quedas, mas que olhemos para Ele, que, nas quedas, vê filhos a levantar; nas misérias, vê filhos a amar com misericórdia. Hoje, nesta igreja que se tornou santuário da misericórdia em Roma, no domingo que São João Paulo II dedicou à Misericórdia Divina há vinte anos, acolhamos confiadamente esta mensagem. A Santa Faustina, disse Jesus: "Eu sou o amor e a misericórdia em pessoa; não há miséria que possa superar a minha misericórdia" (Diário, 14/IX/1937). Outra vez, quando a Santa confidenciava feliz a Jesus que Lhe oferecera toda a sua vida, tudo o que tinha, ouviu d'Ele uma resposta que a surpreendeu: "Não me ofereceste aquilo que é verdadeiramente teu". Que teria então guardado para si a santa freira? Diz-lhe amavelmente Jesus: "Filha, dá-me a tua miséria" (Diário, 10/X/1937). Podemos, também nós, interrogar-nos: "Dei a minha miséria ao Senhor? Mostrei-Lhe as minhas quedas, para que me levante?" Ou há algo que conservo ainda dentro de mim? Um pecado, um remorso do passado, uma ferida que trago dentro, rancor contra alguém, mágoa con-

tra uma pessoa em particular... O Senhor espera que Lhe levemos as nossas misérias, para nos fazer descobrir a sua misericórdia.

Voltemos aos discípulos... Durante a Paixão, tinham abandonado o Senhor e sentiam-se em culpa. Mas Jesus, ao encontrá-los, não lhes prega um longo sermão. A eles, que estavam feridos dentro, mostra as suas chagas. Tomé pode tocá-las, e descobre o amor: descobre quanto Jesus sofrera por ele, que O tinha abandonado. Naquelas feridas, toca com mão a terna proximidade de Deus. Tomé, que chegara atrasado, quando abraça a misericórdia, ultrapassa os outros discípulos: não acredita só na ressurreição, mas também no amor sem limites de Deus. E faz a profissão de fé mais simples e mais bela: «Meu Senhor e meu Deus!» (Jo 20, 28). Eis a ressurreição do discípulo: realiza-se quando a sua humanidade, frágil e ferida, entra na de Jesus. Aqui dissolvem-se as dúvidas; aqui Deus torna-Se o meu Deus; aqui recomeça a aceitar-se a si mesmo e a amar a própria vida.

Queridos irmãos e irmãs, na provação que estamos atravessando, também nós, com os nossos medos e as nossas dúvidas como Tomé, nos reconhecemos frágeis. Precisamos do Senhor, que, mais além das nossas fragilidades, vê em nós uma beleza indelével. Com Ele, descobrimo-nos preciosos nas nossas fragilidades. Descobrimos que somos como belíssimos cristais, simultaneamente frágeis e preciosos. E, se formos transparentes diante d'Ele, como o cristal, a sua luz – a luz da misericórdia – brilhará em nós e, por nosso intermédio, no mundo. Eis aqui o motivo para exultarmos "de alegria – como diz a primeira Carta de Pedro –, se bem que, por algum tempo, (tenhamos) de andar aflitos por diversas provações" (1, 6).

Nesta festa da Divina Misericórdia, o anúncio mais encantador chega através do discípulo mais atrasado. Só faltava ele, Tomé. Mas o Senhor esperou por ele. A misericórdia não abandona quem fica para trás. Agora, enquanto pensamos numa recuperação lenta e fadigosa da pandemia, é precisamente este perigo que se insinua: esquecer quem ficou para trás. O risco é que nos atinja um vírus ainda pior: o da indiferença egoísta. Transmite-se, a partir da ideia que a vida melhora se vai melhor para mim, que tudo correrá bem se correr bem para mim. Começando daqui, chega-se a selecionar as pessoas, a descartar os pobres, a imolar no altar do progresso quem fica para trás. Esta pandemia, porém, lembra-nos que não há diferenças nem fronteiras entre aqueles que sofrem. Somos todos frágeis, todos iguais, todos preciosos. Oxalá mexa conosco o que está acontecendo: é tempo de remover as desigualdades, sanar a injustiça, que mina pela raiz a saúde da humanidade inteira! Aprendamos com a comunidade cristã primitiva, que recebera misericórdia e vivia usando de misericórdia, como descreve o livro dos Atos dos Apóstolos: os crentes "possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um" (At 2, 44-45). Isto não é ideologia; é cristianismo.

Naquela comunidade, depois da ressurreição de Jesus, apenas um ficara para trás e os outros esperaram por ele. Hoje parece dar-se o contrário: uma pequena parte da humanidade avançou, enquanto a maioria ficou para trás. E alguém poderia dizer: "São problemas complexos, não cabe a mim cuidar dos necessitados; outros devem pensar neles". Depois de encontrar Jesus, Santa Faustina escreveu: "Numa alma sofredora, devemos ver Jesus Crucificado e não um parasita nem um fardo... [Senhor], dai-nos a possibilidade de nos exercitarmos nas obras de misericórdia, e nós exercitamo-nos nas murmurações" (Diário, 06/IX/1937). Mas, um dia, ela própria se lamentou com Jesus dizendo que, para ser misericordiosa, passava por ingênua: "Senhor, muitas vezes abusam da minha bondade". E Jesus retorquiu: "Não importa, minha filha! Não te preocupes! Tu sê sempre misericordiosa para com todos" (Diário, 24/XII/1937). Para com todos: não pensemos só nos nossos interesses, nos interesses parciais. Aproveitemos esta prova como uma oportunidade para preparar o amanhã de todos, sem descartar ninguém. De todos. Porque, sem uma visão de conjunto, não haverá futuro para ninguém.

Hoje, o amor desarmado e convincente de Jesus ressuscita o coração do discípulo. Também nós, como o apóstolo Tomé, acolhamos a misericórdia, que é a salvação do mundo. E usemos de misericórdia para com os mais frágeis: só assim reconstruiremos um mundo novo."

Evandro de Pádua Marcial

Eterna é a sua Misericórdia

"Este é o dia que o Senhor fez para nós, alegremo-nos e n'Ele exultemos" (Sl 117/118). Nunca deveríamos nos cansar de contemplarmos esse mistério da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo. Por tão grande mistério, que não cabe apenas em um dia solene, mas se estende durante toda a oitava pascal. Jesus Cristo, que passou sua vida fazendo o bem, continua, através da sua ressurreição, a fazer o bem, até nossos dias. Ele foi resgatado da morte para uma vida santa, acolhido pelo Pai e renovado na fé. De seu lado aberto na cruz, jorrou fonte de vida, os sacramentos da Igreja, que nos sustentam. Alegremo-nos, pois, com sua infinita misericórdia e a levemos até os confins do mundo.

O segundo Domingo da Páscoa foi instituído pelo papa São João Paulo II, no ano 2000, como o Domingo da Misericórdia. Atendendo o desejo do mesmo, a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos determinou que seja oportuno, nos tempos atuais, que os cristãos louvem a divina misericórdia, no culto divino, especialmente do Mistério Pascal.

O Senhor é bom e tem muita misericórdia (Sl 111, 4) e, pelo grande amor com que nos amou (Ef 2,4) e em razão de indizível bondade, deu-nos Seu Filho Unigênito como nosso Redentor, de maneira que, pela morte e Ressurreição desse Filho, Ele pudesse abrir para a humanidade o caminho da vida eterna; e que os filhos adotivos recebam a Sua misericórdia dentro do Seu templo, e possam levar o Seu louvor a toda a terra.

A devoção à Divina Misericórdia iniciou-se e foi difundida no mundo todo, a partir do Diário de Santa Faustina, na qual o próprio Deus a chamou de apóstola e secretária da sua Misericórdia. "Apóstola da Minha Misericórdia, proclama ao mundo toda esta minha insondável misericórdia. Não desanimes com as dificuldades que encontrarás, na divulgação da Minha misericórdia. Essas dificuldades, que tão dolorosamente te atingem, são necessárias para a tua santificação e para comprovar que essa obra é Minha. Minha filha, sê diligente em anotar cada sentença que te digo sobre a Minha misericórdia, porque se destinam a um grande número de almas, que delas tirarão proveito." (D.1142)

Nesse sentido, a devoção e culto à divina misericórdia é tão essencial para nossos tempos. Lembramos até do Ano da Misericórdia, proposto pelo Papa Francisco para a Igreja. Foi um ano repleto de graças e reflexões, sobre a infinita misericórdia de Deus para toda a humanidade; e a necessidade de todos confiarem e esperarem n'Ele. A misericórdia de Deus é para todos nós. Confiemos n'Ele.

Após o batismo sacramental, a Igreja convida a todos a se configurarem com Cristo. Por isso, aproveitemos esse tempo pascal, para alegrarmo-nos n'Ele, por ter vencido a morte com sua ressurreição e nos resgatar do pecado. O convite que faço a todos, caros leitores, é rezarmos juntos, um belo trecho do Diário de Santa Faustina, para nos assemelharmos cada vez mais a Ele:

"Ó Santíssima Trindade, quantas vezes o meu peito respirar, quantas vezes o meu coração bater, quantas vezes o meu sangue pulsar em mim, outras tantas mil vezes desejo adorar a vossa Misericórdia.

Desejo transformar-me toda na Misericórdia e ser o Vosso vivo reflexo. Que o mais grandioso atributo de Deus, a Sua insondável Misericórdia, possa penetrar pelo meu coração e, através da minha alma, em direção aos outros.

Ajudai-me, Senhor, para que os meus olhos sejam misericordiosos: que não suspeite de ninguém e não julgue segundo as aparências exteriores. Que eu apenas observe o que é belo na alma do próximo e que vá em seu socorro.

Ajudai-me, Senhor, para que os meus ouvidos sejam misericordiosos: que eu esteja sempre atenta às necessidades dos outros e os meus ouvidos não sejam indiferentes às dores e aos gemidos do próximo.

Ajudai-me, Senhor, para que a minha língua seja misericordiosa: que eu nunca diga mal dos outros, mas tenha para cada um palavras de consolação e de perdão.

Ajudai-me, Senhor, para que as minhas mãos sejam misericordiosas e cheias de boas obras: que só possa fazer bem ao próximo, reservando-me os trabalhos mais duros e difíceis.

Ajudai-me, Senhor, para que os meus pés sejam misericordiosos: que eu esteja sempre pronta a ir ajudar o meu próximo, dominando o próprio cansaço e fadiga. Que o meu verdadeiro descanso seja servir os outros.

Ajudai-me, Senhor, para que o meu coração seja misericordioso: que eu sinta todos os sofrimentos dos outros. A ninguém negarei o meu coração. Que eu conviva sinceramente, mesmo com os que sei que hão-de abusar da minha bondade. Que, por mim mesma, me encerrarei no Misericordiosíssimo Coração de Jesus e guardarei silêncio sobre os meus próprios sofrimentos.

Ó meu Senhor, que habite em mim a Vossa Misericórdia!

Sois Vós que me mandais exercitar nos três graus da misericórdia:

O primeiro é um qualquer ato de misericórdia;

O segundo é a palavra de misericórdia, ao menos palavra, se não puder realizar uma obra;

O terceiro, a oração: se não me for possível praticar a misericórdia por atos, ou por palavras, sempre ao menos o posso fazer pela prece.

E a minha oração leva-me a atingir, mesmo onde já não posso chegar fisicamente.

Ó meu Jesus, transformai-me em Vós, já que tudo podeis." (D.163).

Feliz e Santa Páscoa a todos.

ACONTECEU NA DIOCESE - LINK SITE

Despedida de Padre Patrício e Padre Erasmo da Paróquia de Santa Luzia

https://www.diocesecaratinga.org.br/despedida-do-padre-patricio-e-padre-erasmo-da-paroquia-de-santa-luzia/

Padre Joaquim Calais Toma posse como novo Pároco da Paróquia de Santa Luzia em Carangola

https://www.diocesecaratinga.org.br/padre-joaquim-calais-toma-posse-como-novo-paroco-de-santa-luzia-em-carangola/

Padre Raniel Carlos de Freitas é o novo Pároco da Paróquia de São Domingos de Gusmão

https://www.diocesecaratinga.org.br/padre-raniel-carlos-de-freitas-e-o-novo-paroco-da-paroquia-de-sao-domingos-de-gusmao/

Veja mais notícias no site:

www.diocesecaratinga.org.br

Amóris laetítia e São José se cruzam com surpreendente continuidade

Na Solenidade de São José e no Ano dedicado ao Patrono da Igreja Universal, tem início o Ano da Família *Amóris laetítia,* 5 anos após a publicação da Exortação pós-sinodal. Dois aniversários importantes que se cruzam com uma surpreendente continuidade.

São José e a família. Um vínculo de ternura que vem logo à mente como a mais natural das associações. "Um homem justo e sábio", definiu-o o Papa Francisco na audiência do dia 17/03/21; um Pai amado, acolhedor e, na penumbra, um Pai da coragem criativa, lemos em *Patris corde*, a Carta apostólica com a qual o Pontífice proclamou o Ano de São José, no dia 8 de dezembro de 2020. Um ano que se sobrepõe ao da Família, que começa nesta sexta-feira, na solenidade do esposo de Maria, e 5 anos após a publicação de *Amóris laetítia*.

Outra importante associação é que o Papa Francisco assinou a Exortação Apostólica precisamente em 19 de março de 2016, em meio ao Jubileu da Misericórdia e sob a proteção de São José. Na conclusão de *Amóris laetítia*, os muitos fios desta tela, tecida de amor pela Igreja e seus filhos, são entrelaçados.

Oração à Sagrada Família

Jesus, Maria e José, em vós contemplamos o esplendor do verdadeiro amor; a vós, confiantes, nos entregamos. Sagrada Família de Nazaré; tornai também nossas famílias lugares de comunhão e cenáculos de oração, escolas autênticas do Evangelho e pequenas Igrejas domésticas. Sagrada Família de Nazaré, que nunca mais haja episódios de violência, fechamento e divisão nas famílias; que qualquer um que tenha sido ferido ou escandalizado seja prontamente confortado e curado. Sagrada Família de Nazaré, conscientizai a todos do caráter sagrado e inviolável da família, de sua beleza no plano de Deus. Sagrada Família de Nazaré, fazei com que todos nós tomemos consciência do caráter sagrado e inviolável da família, de sua beleza no plano de Deus.

O Ano da Família *Amóris Laetítia*

É na Festa da Sagrada Família, 27 de dezembro de 2020, que o Papa Francisco, no Ângelus, anuncia o Ano dedicado à Família *Amóris laetítia*. O início é 19 de março de 2021, cinco anos após a publicação da Exortação Apostólica; a conclusão está marcada para 26 de junho de 2022, por ocasião do décimo Encontro Mundial das Famílias, em Roma. "Um ano - ele explica ao anunciar o Ano - de reflexão, uma oportunidade para aprofundar os conteúdos do documento". Coordenando as iniciativas pastorais, espirituais e culturais, está o Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida que, em seu site em 5 idiomas, www.amorislaetitia.va, disponibilizou subsídios e anunciou conferências e estudos aprofundados sobre o documento pontifício. É o próprio Papa que esclarece, no texto, no número 5, a importância de *Amóris laetítia*:

"Esta Exortação adquire um significado especial, no contexto deste Ano Jubilar da Misericórdia. Primeiro, porque a entendo como uma proposta para as famílias cristãs, encorajando-as a apreciar os dons do matrimônio e da família, e a manter um amor forte e cheio de valores, como a generosidade, o compromisso, a fidelidade e a paciência. Em segundo lugar, porque se propõe a encorajar a todos a serem sinais de misericórdia e proximidade, onde a vida familiar não é perfeitamente realizada ou não se desenvolve em paz e alegria".

A família de Nazaré, estrela polar

Francisco olha para o "ícone da família de Nazaré, com sua vida cotidiana feita de dificuldades e até pesadelos", como a violência de Herodes, que ainda hoje se renova na pele de tantos refugiados, mas também à sua "aliança de amor e fidelidade" que "ilumina o princípio, que dá forma a toda família e a torna capaz de enfrentar melhor as vicissitudes da vida e da história". E em *Amóris laetítia*, o Papa cita Paulo VI e seu discurso em Nazaré, em 5 de janeiro de 1964:

"Aqui entendemos o modo de vida da família. Nazaré nos lembra o que é a família, o que é a comunhão de amor, sua beleza austera e simples, seu caráter sagrado e inviolável; nos faz ver como é doce e insubstituível a educação na família, nos ensina sua função natural na ordem social".

O Ano de São José

É José quem cuida deste tesouro, "como chefe da família", é Ele - escreve Francisco no *Patris Corde* - que nos ensina que "ter fé em Deus também inclui acreditar que Ele pode operar, mesmo através de nossos medos, nossas fragilidades, nossas fraquezas". "É o verdadeiro milagre com o qual Deus salva a Criança e sua mãe", confiando em sua "coragem criativa". A esta figura muito amada pelos fiéis, 150 anos após sua proclamação como Patrono da Igreja Universal, graças ao decreto do Papa Pio IX *Quemádmodum Deus,* Francisco decidiu dedicar um Ano a São José. Ele também concedeu o "dom das Indulgências especiais" até 8 de dezembro de 2021, sob as condições habituais: confissão sacramental, comunhão eucarística e oração de acordo com as intenções do Papa.

Fonte: https://www.vaticannews.va/pt.html

Dire KIDS

FESTA DA MISERICÓRDIA

Catequese com adultos: Maduros na fé?

A realidade tem mostrado que grande parte dos cristãos adultos são batizados, mas não são evangelizados. Daí a preocupação da Igreja Católica no Brasil, em levar adiante a reflexão do tema "Catequese com Adultos", formando uma nova consciência de cristãos engajados no processo de evangelização.

1. Catequese com Adultos: A segunda Semana Brasileira de Catequese (2ª SBC) que aconteceu em outubro de 2001, trouxe um tema que mobilizou o Brasil na época, que foi: "Com Adultos, Catequese Adulta" e o lema "Crescer rumo à maturidade em Cristo". Precisamos refletir e orar sobre a realidade dos adultos católicos e, juntos, tornar prioridade efetiva a Catequese com adultos.

2. Fragilidades graves dos católicos: Face ao mundo plural e corrupto, dominado pelos ídolos do dinheiro, do poder e do prazer, uma parcela bem numerosa do povo católico se encontra muito despreparada, apresentando quatro perigosas fragilidades:

a) Primeiramente, a não conversão. Em geral as pessoas são católicas por tradição, por costume e não por conversão, decisão consciente, esclarecida, coerente e generosa. Até existe "católico não praticante", o que é, em si, uma aberração;

b) Segunda fragilidade: a não convicção. É consequência da primeira, e se manifesta na insegurança, na ingenuidade, na busca do maravilhoso e milagreiro na religião, no devocionismo e na facilidade de mudar de opinião, face a argumentação até de simplórios;

c) Terceira fragilidade: a ignorância religiosa. É imensa a quantidade de católicos que desconhecem um mínimo sobre sua fé. Quando ouvem ou leem interpretação da Bíblia, que destoam da tradição católica, narrativas de fenômenos espirituais, críticas à Igreja, ficam perplexos, sem base para se confrontarem com o que recebem e para contra-argumentar;

d) Quarta fragilidade: o infantilismo religioso. É bastante grande o número dos que se deixam fascinar por "ídolos do pop-catolicismo", se amarram em canções cristãs infantis, se agarram em práticas devocionais mágicas e se deixam dominar pela falta de consciência crítica social, política e econômica.

Ora, uma pessoa não convertida, sem convicções sólidas, ignorante em sua fé e que é um adulto infantil, obviamente ESTÁ SEM IDENTIDADE, SEM BASE, portanto, VULNERÁVEL a influências e desvios de todos os tipos.

3. Adultos na fé: Ser adulto na fé, ideal sempre a ser buscado, se tornou urgência hoje, em meio a este mundo cada vez mais pagão, sem ética, corrupto, amoral e imoral, explorador da natureza, escravizador das pessoas. É preciso muita vida interior, estudo sério, vida em comunidade e atenção ao que acontece, para se poder dar testemunho da fé cristã, anunciar o Reino de Deus, viver a comunhão fraterna e a solidariedade, segundo o Mandamento Novo; ter serenidade, cordialidade e fortaleza, para dialogar com o diferente, com as religiões, as culturas, as ideologias; ter a coragem profética para denunciar tudo o que vai contra a dignidade do ser humano e contra a natureza. Investir na maturidade do fiel torna-se, portanto, prioridade para a Igreja hoje.

4. A maturidade em Cristo: Nossas atitudes precisam ser mais claras, coerentes e generosas para com Deus e seu Plano de Salvação, assumindo a responsabilidade de cristãos. Tomamos, então, como decorrência desta responsabilidade, os devidos meios para alimentar a nossa vida de comunhão com Deus, de participação na comunidade eclesial e de construção de um mundo segundo o coração de Deus. Além disso, assumimos o mandato missionário de Jesus e zelamos para que nossos irmãos em Cristo cresçam rumo à maturidade na fé.

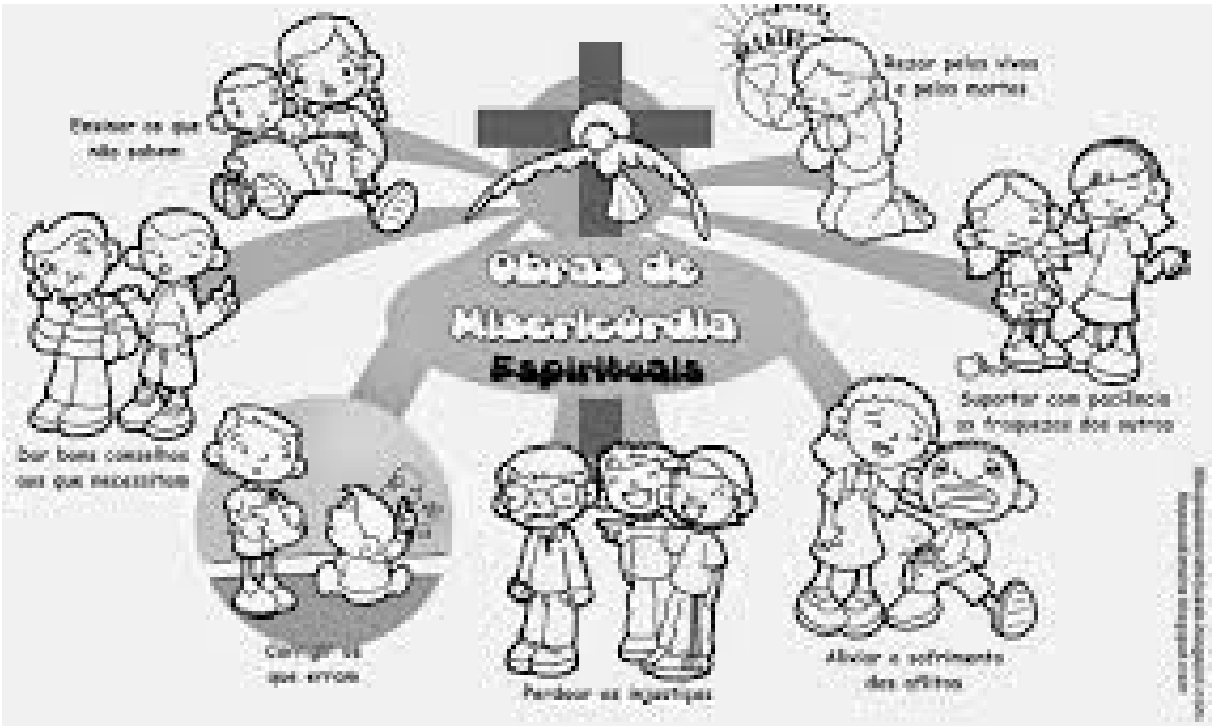
Fonte: https://catequisar.com.br/

Vamos assistir estes vídeos! Um é próprio para a Catequese para adultos, do Canal da Paróquia de São Roque, de Nova Aurora, Paraná, e traz o tema: 'Nossa História de vida caminha para Deus'. E o outro é próprio para a Catequese Infantil, do Canal Canção Nova Kids, e nos fala sobre a Festa da Misericórdia. Vale à pena assistir ambos, com a família reunida. Vamos lá!

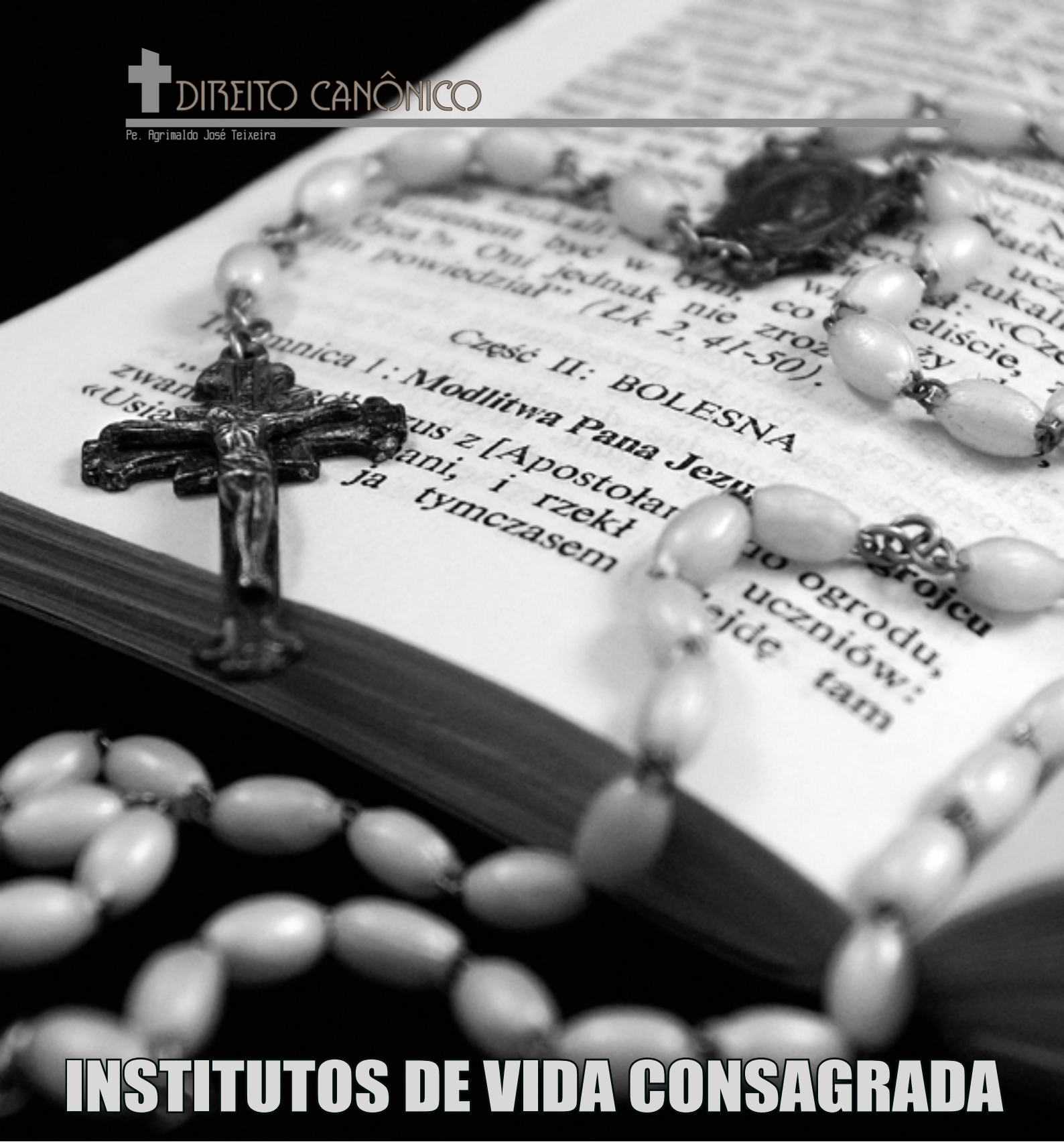
Catequese para adultos; Tema 'Nossa História de vida caminha para Deus'
Paróquia São Roque Nova Aurora - Paraná
https://www.youtube.com/watch?v=x8BkTQi9an0

FESTA DA MISERICÓRDIA - Canção Nova Kids
https://www.youtube.com/watch?v=bPQzsFHGGJU

Obras de Misericórdia
Corporais
Enterrar os mortos
Dar de comer ao faminto
Visitar os presos
Dar de beber ao sedento
Vestir o desnudo
Visitar o enfermo
Dar pousada ao peregrino


Obras de Misericórdia
Espirituais
Ensinar os que não sabem
Rezar pelos vivos e pelos mortos
Dar bons conselhos aos que necessitam
Suportar com paciência as fraquezas dos outros
Corrigir os que erram
Perdoar as injustiças
Aliviar o sofrimento dos aflitos

Pe. Agrimaldo José Teixeira



INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA

"§1. A vida consagrada pela profissão dos conselhos evangélicos é uma forma estável de viver, pela qual os fiéis, seguindo mais de perto a Cristo sob a ação do Espírito Santo, consagram-se totalmente a Deus sumamente amado, para assim, dedicados por título novo e especial a sua honra, à construção da Igreja e à salvação do mundo, alcançarem a perfeição da caridade no serviço do Reino de Deus e, transformados em sinal preclaro na Igreja, preanunciarem a glória celeste.

Assumem livremente essa forma de vida nos institutos de vida consagrada, canonicamente erigidos pela competente autoridade da Igreja, os fiéis que, por meio dos votos ou de outros vínculos sagrados, conforme as leis próprias dos institutos, professam os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência e, pela caridade à qual esses conduzem, unem-se de modo especial à Igreja e a seu mistério" (cân. 573).

Na Igreja Católica, a expressão "vida consagrada" se re-

fere àquelas pessoas que fazem a profissão pública dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência, geralmente de forma associada em um instituto de vida consagrada e, excepcionalmente, de forma individual, como é o caso da vida eremítica.

A vida consagrada teve seu início nos primórdios da Igreja e foi, pouco a pouco, desenvolvendo-se e tendo variadas formas, regulando-se através de regimes jurídicos muito distintos, como, por exemplo, a vida contemplativa monástica, os cônegos regulares, as ordens mendicantes do século XIII, os clérigos regulares do século XVI. Porém, todas elas são denominadas ordens religiosas, porque em todas essas formas existe um elemento comum, ou seja, a emissão dos votos solenes, que era a única forma de consagração religiosa admitida.

Com o passar dos tempos, começaram a surgir novas formas de vida consagrada: as congregações religiosas de votos simples, as quais tiveram sua aprovação oficial com a Constituição Apostólica *"Cónditae a Christo*", do Papa Leão XIII, de 8 de dezembro de 1.900.

O Código de 1.917 acolheu esses dois tipos de vida religiosa, as ordens e as congregações, distinguindo entre votos solenes e votos simples, sendo que a solenidade da profissão religiosa trazia alguns efeitos canônicos diversos; porém, tanto os membros das ordens como os das congregações são considerados religiosos.

Antes mesmo da promulgação do Código de 1.917, começaram a aparecer na Igreja certas formas seculares de vida consagrada. Não obstante a autoridade eclesiástica se mostrasse contrária, a princípio, a tais formas seculares, algumas associações acabaram por conseguir a sua aprovação formal. Embora não encontrando respaldo jurídico no Código de 1.917, elas continuaram a aparecer na Igreja, culminando, assim, nos chamados institutos seculares, que foram aprovados pela Constituição Apostólica "***Próvida Máter",*** do Papa Pio XII, de 2 de fevereiro de 1.947.

Por isso, o Código de 1.983 fala de institutos de vida consagrada, fazendo a distinção entre institutos religiosos e institutos seculares, sendo que, nos primeiros, os seus membros devem levar uma vida fraterna em comum e viver "separados do mundo", realizando o carisma próprio do instituto; e nos institutos seculares, os membros não têm obrigação da vida em comum e, vivendo no mundo, podem se dedicar aos trabalhos de apostolado, de acordo com as necessidades da Paróquia e da Diocese onde estiverem.

No cânon 573, aparecem os elementos teológicos e canônicos que definem a vida consagrada, identificando-a e distinguindo-a de qualquer outra forma de vida consagrada, originada pela recepção dos sacramentos do batismo, da crisma ou da ordem.

Entre os elementos teológicos que aparecem no cânon 573, destacam-se: 1. A consagração total a Deus, como amor supremo, seguindo mais de perto o Cristo, sob a ação do Espírito Santo; 2. A glorificação de Deus; 3. A edificação da Igreja e a salvação do mundo; 4. A busca da perfeição da caridade; 5. O sentido escatológico da vida.

No contexto da vocação universal à santidade e da ativa e necessária participação de todos os fiéis na edificação da Igreja e na salvação do mundo, somente podem ser característicos da vida consagrada, com seus elementos diferenciadores em relação aos outros modos de viver a vida cristã, quando a esses elementos de índole teológica são acrescentados os propriamente canônicos, que marcam uma peculiar condição de vida dentro da Igreja. De fato, todos os fiéis, por sua regeneração em Cristo, isto é, pela consagração batismal, devem se dedicar totalmente a Deus, como seu amor supremo, e devem orientar sua vida inteira à glorificação de Deus. Qualquer que seja sua condição na Igreja, os fiéis devem ser sujeitos ativos na edificação da Igreja para a salvação do mundo. E todos são chamados a buscar a perfeição da caridade e devem ser testemunhas da ressurreição e do sentido transcendente da vida.

Os aspectos canônicos da vida consagrada, que aparecem no cânon 573, são os seguintes: **1**. A vida consagrada se configura como uma forma estável de vida, que tem uma situação jurídica específica dentro do Povo de Deus, chamada também de estado canônico; **2.** A vida consagrada através dos conselhos evangélicos é a que se vive em um instituto canonicamente erigido pela autoridade competente da Igreja, embora o Código também dê respaldo jurídico a duas formas concretas de vida consagrada não associada, como a vida eremítica e a ordem das virgens, reconhecidas pelos cânones 603 e 604; **3**. A especificidade dessa forma estável de vida radica-se em uma consagração pessoal, realizada pela profissão pública dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência e pela assunção de obrigações mediante votos ou outros vínculos sagrados, semelhantes aos votos, como juramentos ou promessas; **4**. Outra característica peculiar da vida consagrada é a função escatológica que é chamada a desempenhar no conjunto das missões eclesiais, dando testemunho do caráter escatológico da Igreja, vivendo a vida nova e eterna conquistada pela redenção de Cristo e prefigurando a futura ressurreição e a glória do reino celestial.

Dom Paulo Mendes Peixoto - Arcebispo de Uberaba

Consenso e verdade

A verdade não pode ser fruto de um consenso ocasional, sem reflexão e sem uso da razão. Ela depende muito de argumentos racionais, de valores permanentes e transcendentes, que conduzem à solidez e estabilidade de uma ética social. Tudo pode ser consequência de um diálogo que privilegia a conveniência social, o consenso e a realidade de uma verdade objetiva.

Respeitar a dignidade dos outros significa que existe neles um valor superior, que está acima das coisas materiais, exigindo um tratamento distinto. O ser humano possui uma verdade inalienável e não depende de transformação social. Ninguém tem o direito de negar essa convicção, mas deve usar da inteligência e de uma séria reflexão para reconhecer, nessa realidade, o valor moral de cada pessoa.

No meio dos desencontros, a vida é a arte do encontro, como um poliedro, que tem muitas faces, muitos lados formando uma unidade onde, diz o Papa Francisco, "o todo é superior à parte". No "todo" existem as diferenças, que envolvem muitas discussões, muita falta de confiança, mas todos podem aprender alguma coisa uns dos outros. Mesmo quem vive na periferia tem riquezas a dar.

A chamada "cultura do encontro" tem uma característica abrangente, formada pelo povo que tem aspirações, entusiasmo, um modo próprio de viver. Nesse meio as pessoas procuram pontos de encontro, criam pontes e projetam algo que envolve e beneficia a todos. É uma cultura que tem solidez e sustentação de paz concreta, porque consegue integrar, lentamente, as realidades diferentes.

Por detrás das inúmeras violências que são praticadas na sociedade hodierna, está outra, isto é, o desprezo pelos atos diferentes que prejudicam os próprios interesses egoístas. O desrespeito para com determinados direitos de outras pessoas em determinado momento da cultura, ocasiona muitas consequências, principalmente a prática da intolerância e da violência.

O individualismo consumista pode ter uma atitude de abuso social e de descarte daqueles que são considerados incômodos. Isso certamente não ajuda na construção de uma sociedade saudável, porque constitui falta de amabilidade, de saber valorizar a quem não está no mesmo nível de vida. Mesmo neste tipo de sociedade é possível uma convivência sadia, de estima e respeito pelo outro.

Diac. José Luciano Gabriel

Refletindo sobre crítica

Olá! Espero que esteja bem!

A crítica faz parte da vida! A história humana – individual e coletiva – é inevitavelmente marcada pela crítica. Ora criticamos, ora somos criticados.

A palavra crítica pode gerar, num primeiro momento, a ideia de algo negativo e até ruim, mas nem sempre esta primeira impressão está correta. A crítica é essencial para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento das pessoas, das instituições e das ideias que usamos para interpretar e compreender o mundo à nossa volta.

Criticar é exercer uma avaliação criteriosa com relação a alguém ou alguma situação. É verificar os fundamentos, os pontos fortes e frágeis, as variáveis que tiveram que ser consideradas para que determinada situação chegasse àquele ponto. Criticar, neste sentido, é um ato complexo e não simples! Exige seriedade; abertura, para compreensão profunda da realidade que está sendo avaliada; capacidade, para reconhecer os pontos positivos, mesmo que tais pontos não estejam de acordo com nossa forma de pensar, crer e sentir.

Muitas pessoas confundem ataques com crítica ou mesmo aparentam estar criticando, quando, na verdade, estão disseminando veneno, ódio e intolerância. Um bom crítico é, antes de tudo, respeitoso e tolerante. Sem respeitar e reconhecer a possibilidade de retidão daquilo ou daquele que se critica (tolerância), a crítica deixa de ser crítica e se transforma em ataque ou ofensa disfarçada de boa intenção. Não tem legitimidade; não ajuda a crescer; não merece ser considerada; não é digna de ser, sequer, ouvida.

Para não sermos vítimas de críticos tendenciosos e manipuladores, precisamos desenvolver um bom senso crítico com relação às

críticas que os outros fazem, isto é, as críticas, que as outras pessoas fazem sobre nós ou sobre qualquer assunto, precisam passar pelo nosso filtro. Não podemos e não devemos acatar, sem pensar e criticar, as inúmeras críticas que recebemos.

Para sermos críticos, algumas dicas são bastante interessantes: **1.** desconfiar de pessoas que se dizem dotadas de conhecimentos ou informações que somente elas e seus aliados possuem: esses privilégios são, geralmente, falsos e estão a serviço de argumentações vazias e interesseiras; **2.** desconfiar de quem pousa de bonzinho para criticar instituições ou projetos que gozam de credibilidade – como se o bonzinho fosse o salvador da pátria: esses 'heróis', na maior parte das vezes, estão a serviço de si mesmos e/ou de interesses obscuros; **3.** buscar mais informações sobre o assunto e tirar as próprias conclusões. Geralmente as falácias (críticas sem fundamento) não resistem ao diálogo e ao aprofundamento, portanto, quando buscamos mais informações, logo percebemos que são frágeis, arbitrárias, intolerantes e fundadas no desrespeito; embora disfarçadas de boas, estão a serviço da discórdia e da desunião.

Abra os olhos! Coloque seus filtros críticos para funcionar... não permita que pessoas mal-intencionadas – disfarçadas de pessoas de bem – plantem dúvidas e falsidade em seu coração. Cuidado: palavras bonitas podem esconder armadilhas horríveis.

Por fim, para ser coerente, deixo uma última palavra: critique este artigo; reflita sobre ele; desconfie dele. Se o texto não for consistente e confiável, não o tome como bom!

Comentários Homiléticos - abril de 2021 - Ano B - Dom Emanuel Messias de Oliveira - Bispo diocesano de Caratinga

DOMINGO DA PÁSCOA
DA RESSURREIÇÃO DO SENHOR
04/4/2021

1ª LEITURA - At 10,34a.37-43

Em Atos 10 Lucas (autor do terceiro Evangelho e dos Atos dos Apóstolos) apresenta a abertura da Igreja para os pagãos. Pedro é a figura principal. Mais tarde, Paulo vai-se tornar o apóstolo dos gentios (= pagãos ou gregos). Antes, judeu não podia nem ter contato com pagãos. Pedro rompe este esquema guiado pelo Espírito Santo. Na casa do pagão Cornélio, Pedro faz um discurso-sermão mostrando que Deus não faz distinção de pessoas, de raça ou nação. Agora, para pertencer ao povo de Deus basta temer a Deus e praticar a justiça. Os pagãos podem, portanto, fazer parte do Novo Povo de Deus. Essa é a novidade que Jesus nos trouxe. No texto de hoje, Pedro sintetiza a atuação de Jesus. Ele foi ungido por Deus pelo Espírito Santo e com poder. Pregou por toda parte a Boa Nova, fez o bem a todos e curou os que estavam dominados pelo demônio. Mas os judeus o mataram, pregando-o numa cruz. Deus, porém, o ressuscitou no terceiro dia e lhe concedeu aparecer às suas testemunhas. Pedro mostra também a função das testemunhas: pregar que Jesus foi constituído por Deus Juiz dos vivos e dos mortos; lembrar que todos os profetas dão testemunho de Jesus; e afirmar que todo aquele que crê em Jesus recebe em seu nome o perdão dos pecados.

2ª LEITURA - Cl 3,1-4

No capítulo 2º, Paulo falou sobre o batismo, através do qual o cristão participa da morte e ressurreição de Cristo. Como Cristo morreu e foi sepultado, o cristão também, coberto pela água do batismo, morre para o mundo do pecado. Como Cristo ressuscitou para uma vida nova, também o cristão, emergindo da água, ressuscita para uma vida nova com Cristo. Aqui Paulo conclui o seu raciocínio. Se os cristãos ressuscitaram com Cristo, eles não pertencem mais a este mundo de pecado. Eles têm, agora, um compromisso novo: não pecar nem buscar mais as coisas da terra, mas sim as coisas do alto, do céu, de onde Cristo reina. A vida do cristão é Cristo; sua vida está escondida em Cristo, no céu. Para as coisas do mundo, o cristão já está morto, mas ele não vive ainda na glória. Ele vive uma vida de fé, participando das dificuldades normais deste mundo, procurando sempre evitar o pecado. A vida do cristão só aparecerá gloriosa junto com Cristo, quando Cristo, que é sua vida, aparecer na sua glória. Que cristão é este que tem a obrigação de viver como se já estivesse ressuscitado? Esse cristão é você, sou eu, somos todos nós. Que estamos esperando para vivermos em profundidade o sentido do nosso batismo?

EVANGELHO - Jo 20,1-9

a) Maria Madalena e o túmulo vazio

No 1º dia da semana (dia de domingo) - o dia da nova criação, Maria Madalena vai ao túmulo. Ela vai visitar o cadáver de Jesus. Ela simboliza a comunidade sem fé, caminhando ainda no escuro. Ela acha que roubaram o corpo de Jesus. Quem não tem fé busca explicações racionais para tudo: houve um roubo. É isso que ela transmite para Pedro e para o discípulo que Jesus amava.

b) Os dois discípulos vão ao túmulo

A comunidade por falta de fé não estava reunida. Os dois discípulos correm ao túmulo. O discípulo que Jesus amava chega primeiro, não simplesmente porque é mais jovem, mas por causa do amor. Quem ama chega mais rápido, entende mais, acolhe mais, aceita mais. Por respeito, ele não entra, apenas se inclina e vê os panos de linho estendidos. Simbolicamente o túmulo é para João a cama nupcial, não lugar de morte, mas lugar de encontro com o Senhor da vida, com a comunidade-esposa. Pedro chega, olha e vê tudo: os panos de linho estendidos e o sudário dobrado num lugar à parte. Ladrões não teriam este cuidado de deixar as coisas arrumadinhas. O corpo de Jesus, portanto, não foi roubado. Mas Pedro não chega a conclusões maiores. Ele representa, como Maria Madalena, neste momento, a comunidade ainda incrédula. Então, o outro discípulo entrou também. Ele viu e acreditou. Quem ama tem intenções profundas; vê além das aparências e vai mais longe. O discípulo que Jesus amava percebeu claramente que Jesus tinha ressuscitado dos mortos.

“Que cristão é este que tem a obrigação de viver como se já estivesse ressuscitado? Esse cristão é você, sou eu, somos todos nós.”

2º DOMINGO DA PÁSCOA
11/4/2021

1ª LEITURA - At 4,32-35

Lucas pretende tirar sua comunidade da acomodação, e incentivá-la a uma vida mais solidária e fraterna; para isto pinta o ideal da comunidade primitiva, generalizando acontecimentos particulares de abnegação e generosidade. O retrato da comunidade primitiva idealizada por Lucas se manifesta na unidade de coração e de alma. E uma verdadeira comunhão de bens. Nada de egoísmo, nada de acúmulo; tudo era colocado em comum. Além deste grande sinal de comunhão, os apóstolos ainda faziam outros grandes sinais que testemunhavam a ressurreição de Jesus. O fato de Lucas insistir que ninguém passava necessidade e que todos partilhavam os seus bens, vendendo o que possuíam e entregando o dinheiro aos apóstolos, talvez isto queira mostrar que o maior sinal, o maior testemunho que os cristãos podem dar, como fruto da ressurreição de Jesus, seja mesmo a partilha, a comunhão de vida. Jesus deu sua vida para que todos pudessem formar uma família nova, solidária, justa e fraterna. A comunhão eucarística só tem sentido se for sinal do esforço novo de vivermos tentando formar uma comunidade nova com menos traços de morte.

2ª LEITURA - 1Jo 5,1-6

A primeira carta de João procura combater um grupo carismático que foi exagerando no seu espiritualismo e acabou se afastando da comunidade. Este grupo ensinava que a salvação vem através de um grande conhecimento religioso independente da prática da vida. Eles se achavam melhores do que os outros, mais santos, mais íntimos de Deus, mais iluminados pelo Espírito, livres do pecado. No fundo, negavam que Jesus-homem era o Messias prometido. Eles espiritualizavam demais Jesus, a ponto de negar sua humanidade e, além disso, não davam importância à essência da vida cristã que é o amor ao próximo.

O autor vai, portanto, insistir na fé em Jesus - Messias, no amor e no cumprimento dos mandamentos. Quem tem fé nasceu de Deus, venceu o mundo do pecado, do desamor, da injustiça, por isso não acha pesado os mandamentos. A síntese dos mandamentos é o amor ao próximo. A vitória que vence o mundo é nossa fé em Jesus-homem, mas ao mesmo tempo Filho de Deus. Mas o que é a fé? É a adesão a Jesus na sua solidariedade com os homens. Solidariedade manifestada desde o batismo na água, assumindo o compromisso de solidariedade com os pecadores até o batismo no sangue, dando a vida pelo perdão dos pecados. Através do batismo e do amor-doação, até o martírio, se for preciso, é que demonstramos nossa fé que vence o mundo. E é através do Espírito que somos capazes de viver este testemunho-martírio. Portanto, o espiritualismo da fé se esvazia e desvirtua, se não levar à prática do amor-doação.

EVANGELHO - Jo 20,19-31

Fundação da Comunidade Messiânica

Temos aqui a fundação da Comunidade Messiânica que vai dar sequência ao projeto de Deus. Estamos no primeiro dia da semana (v.1,19); é o anoitecer do novo dia; é uma nova era inaugurada pela vitória de Cristo Jesus sobre a morte. Estamos num contexto eucarístico; o cordeiro imolado se apresenta com os sinais da morte, mas cheio de vida, desejando a plenitude dos bens messiânicos para todos: shalom = paz. Jesus afugenta todo temor. Seu corpo glorificado está livre de qualquer barreira (entrou com as portas fechadas). A alegria para os discípulos é a nota dominante.

O Envio para a Missão

Segue o envio para continuar a missão de Jesus sob a garantia do Espírito Santo (v.21). O Pentecostes no evangelho de João já está acontecendo com este sopro divino, relembrando o sopro no início da criação do homem. Uma nova criação está acontecendo. O projeto de Deus é retomado com o perdão dos pecados. Pecado (no singular) para João é adesão ao sistema iníquo que matou Jesus. Pecados (no plural) são os gestos concretos que decorrem desta opção injusta. Quem se fecha ao projeto de Deus permanece em seus pecados. Neste texto sobre o perdão dos pecados em Jo 20,22-23 está o grande fundamento bíblico para o sacramento da confissão dos pecados e do perdão administrado pela Igreja através do sacerdote.

Quem é mais feliz e mais importante?

Talvez o episódio de Tomé tenha sido acrescentado para dizer que os que não viram Jesus não são inferiores às testemunhas oculares. O importante mesmo é a fé e o compromisso com o projeto de Jesus. A figura de Tomé está simbolizando todos aqueles cuja fé não é pura, não nasce da experiência de amor da comunidade, mas depende de milagres, de sinais extraordinários. Mas Tomé dá um testemunho bonito: "Meu Senhor e meu Deus". É a maior profissão de fé do quarto evangelho. Ele vê Jesus como Senhor e como Deus. É Deus que exaltou seu Filho Jesus e o colocou onde estava no princípio, junto de Deus, como Senhor da Glória, com igual dignidade com o Pai (cf. início do evangelho 5,18 e 10,33). Tudo termina com a única bem-aventurança no evangelho de João: "Felizes os que não viram e creram".

Vivo minha religião buscando milagres em meu favor, ou me dedicando ao serviço dos outros e da comunidade?

3º DOMINGO DA PÁSCOA
15/4/2021

1ª LEITURA - At 3,13-15.17-19

Pedro faz este discurso, porque o povo se espantou com a cura do coxo que estava na porta do Templo. O que São Lucas (autor dos Atos) quis transmitir com o discurso de Pedro?

1º- Pedro atribui a cura não a ele e João como o povo estava pensando, mas ao nome de Jesus. O nome indica a essência da pessoa. Jesus significa "Deus salva". A cura em nome de Jesus significa que Deus continua a libertar o seu povo através de Jesus. Seu poder e misericórdia se manifestaram no seu Filho Jesus e agora se manifesta naqueles que agem em seu nome.

2º- O mesmo Deus dos judeus continua sendo fiel às suas promessas de libertação e foi ele que glorificou o Servo Jesus. A expressão "Servo" lembra que em Jesus se realizam as profecias do Servo Sofredor do profeta Isaías; e que Jesus assume os pecados do povo, tira o pecado do mundo e, como cordeiro imolado, liberta o povo através do sofrimento e da morte.

3º- Pedro denuncia o crime que o povo cometeu renegando Jesus, o Santo e Justo, trocando-o por um assassino que era Barrabás.

4º- Jesus era o autor da vida e o povo o matou.

5º- Mas Deus o ressuscitou dos mortos e os apóstolos são testemunhas disso.

6º- Pedro tenta abrir o coração para compreender o pecado do povo e dos chefes deles, a partir da ignorância deles a respeito de Jesus.

7º- Mesmo através das linhas tortas da ignorância e do pecado do povo, Deus vai escrevendo certo. É assim que se cumprem as profecias a respeito do sofrimento do Messias.

8º- Por fim, depois desta bela catequese sobre Jesus, depois da denúncia do mal, depois do desnudamento do pecado do povo, Pedro anuncia a possibilidade de perdão e vida: "Arrependam-se e convertam-se".

2ª LEITURA -1Jo 2,1-5a

O autor anda preocupado com aqueles que difundem no seio da comunidade um modo de pensar errado, uma salvação através do conhecimento de Deus desvinculado da vida prática através do amor, da boa convivência, da luta pela transformação do mundo. Esse grupo só valorizava o espírito, não valorizava o corpo, as realidades da vida, e achava que eles não tinham pecado. Eles diziam que conheciam a Deus, mas na prática não guardavam os mandamentos que podem ser sintetizados no amor a Deus e ao próximo.

O que o autor ensina no trecho de hoje?

1º- É preciso que cada um faça o esforço de não pecar, e a leitura da Palavra de Deus é uma grande ajuda.

2º- Se alguém pecar não deve desesperar, pois Jesus Cristo - o justo - é o nosso defensor junto ao Pai.

3º- Quem é Jesus Cristo? É a vítima de expiação pelos nossos pecados e pelos pecados do mundo inteiro. Isto quer dizer que Jesus morreu para o perdão dos nossos pecados.

4º- Os "gnósticos" carismáticos diziam que conheciam a Deus, mas não guardavam os seus mandamentos. ("Gnósticos" são aqueles que acreditam na salvação apenas através de um conhecimento especial de Deus e não através do mandamento do amor). O autor, então, afirma que sabemos que conhecemos a Deus pela prática dos mandamentos, do contrário, estamos mentindo e a verdade não está em nós.

5º- Mas aquele que guarda a palavra de Deus, ou seja, que vive o amor de Deus, é perfeito nele.

EVANGELHO - Lc 24, 35-48

É noite. Os discípulos de Emaús acabam de retornar a Jerusalém e encontrar com os apóstolos. Eles estão conversando sobre as aparições de Jesus. Apesar de todo o entusiasmo, a luz da fé ainda não tinha raiado no coração dos discípulos. Seus olhos ainda estão fechados, eles ainda não tinham amadurecido a fé na ressurreição. Vejamos o tanto de expressões para mostrar que ainda estão na escuridão da fé: "Assustados", "com medo", "fantasma", "preocupados", "dúvidas no coração", "não podiam acreditar", "Jesus abriu os olhos dos discípulos para entenderem as Escrituras". Vemos assim que a preocupação do evangelista é a fé na ressurreição corporal de Jesus.

O que o evangelista apresenta para fortalecer esta fé dos apóstolos no tempo de Jesus, e a fé da comunidade do tempo da escrita deste evangelho (cerca do ano 85 d.C.)?

1º- Jesus aparece desejando a paz - plenitude dos bens messiânicos: fé e vida.

2º- Como Jesus percebe a falta de fé, a preocupação e a dúvida, ele mostra suas mãos e seus pés com as marcas do crucificado.

3º- Jesus insiste que ele não é um fantasma e pede para eles tocarem no seu corpo, pois fantasma não tem carne nem ossos.

4º- Jesus pede alguma coisa para comer para mostrar que fantasma não come. Eles lhe deram peixe assado e Jesus comeu. Parece que a partir daí os discípulos ficaram mais tranquilos.

5º- Então, Jesus repete o que havia ensinado para os discípulos sobre o cumprimento das Escrituras a seu respeito.

6º- Depois, Lucas diz claramente que Jesus abriu os olhos dos discípulos para entenderem as Escrituras. Jesus é o grande intérprete da Bíblia. É a partir dele que o Primeiro

e Segundo Testamento ganham sentido.

7º- Misturando Is 53,10 com Os 6,2, Jesus relembra o anúncio profético de sua paixão, morte e ressurreição e o triunfo universal do projeto de Deus. Agora, é a hora da missão apostólica de levar o anúncio de conversão e perdão a todos os povos.

8º- Jesus apresenta Jerusalém como ponto de partida e o mundo como meta do testemunho apostólico.

“Mesmo através das linhas tortas da ignorância e do pecado do povo, Deus vai escrevendo certo.”

4º DOMINGO DA PÁSCOA
25/4/2021

1ª LEITURA - At 4, 8-12

Lucas, nos Atos, mostra que o Espírito que atuou em Jesus é o mesmo que atua nos apóstolos e na Igreja e que a prática de Jesus se prolonga na prática dos apóstolos e dos discípulos. Lendo os Atos dos Apóstolos percebemos que os milagres que Jesus fez são feitos por Pedro e também por Paulo. Pedro e Paulo ficam presos uma noite e de manhã são levados ao Sinédrio do mesmo modo que aconteceu com Jesus (cf. Lc 22,662). Lá quem fala é o Espírito Santo conforme a promessa de Jesus (cf. Lc 12,11-12). No discurso de Pedro podemos destacar os seguintes pontos.

1º- Pedro fala para os chefes do povo que eles (Pedro e João) estão sendo julgados, porque fizeram o bem curando um coxo. Isto já é uma denúncia contra os chefes do povo que não estão sendo pastores, não estão se interessando pelo bem de suas ovelhas. Estão sendo mercenários.

2º- Eles querem saber em nome de quem Pedro curou. Eles não conseguem ou não querem fazer o bem ao povo e ainda estão contra quem o faz. Eles querem um povo submisso e espoliado e temem perder suas posições diante de alguém que cuida do povo como bom pastor.

3º- Pedro aproveita a oportunidade para anunciar Jesus Cristo e denunciar o crime das autoridades de Israel. É em nome de Jesus que o coxo foi curado e ninguém será salvo senão através de Jesus. E este Jesus salvador é o mesmo Jesus que eles assassinaram na cruz. Mas Deus o ressuscitou dos mortos. As autoridades o rejeitaram, mas Deus o tornou pedra angular (Sl 118,22). Sem ele qualquer construção, qualquer sociedade, qualquer Templo cairá por terra, e se afogará no seu próprio orgulho e egoísmo.

2ª LEITURA -1Jo 3, 1-2

Como já lembramos nos domingos anteriores, o que está por trás da carta é o combate à doutrina gnóstica que os carismáticos, separados da comunidade, querem implantar. Doutrina gnóstica é a doutrina da salvação não através da prática dos mandamentos, principalmente do mandamento do amor, mas através do conhecimento especial de Deus. Conhecer a Deus, chamar-se filho de Deus sem amar o irmão é uma farsa, uma mentira. O texto de hoje traz apenas dois versículos.

O 1º versículo afirma que o Pai nos deu uma grande prova de amor, nos acolhendo como filhos. O versículo anterior reconhece que Jesus é justo e todo aquele que pratica a justiça nasceu de Deus. Assim ser filho de Deus significa assumir a luta pela justiça. Este versículo 1º apresenta o conflito entre os filhos de Deus e o mundo injusto, corrupto, sedutor e perseguidor. O mundo não reconheceu a Deus no seu projeto que é Jesus Cristo - o Justo.

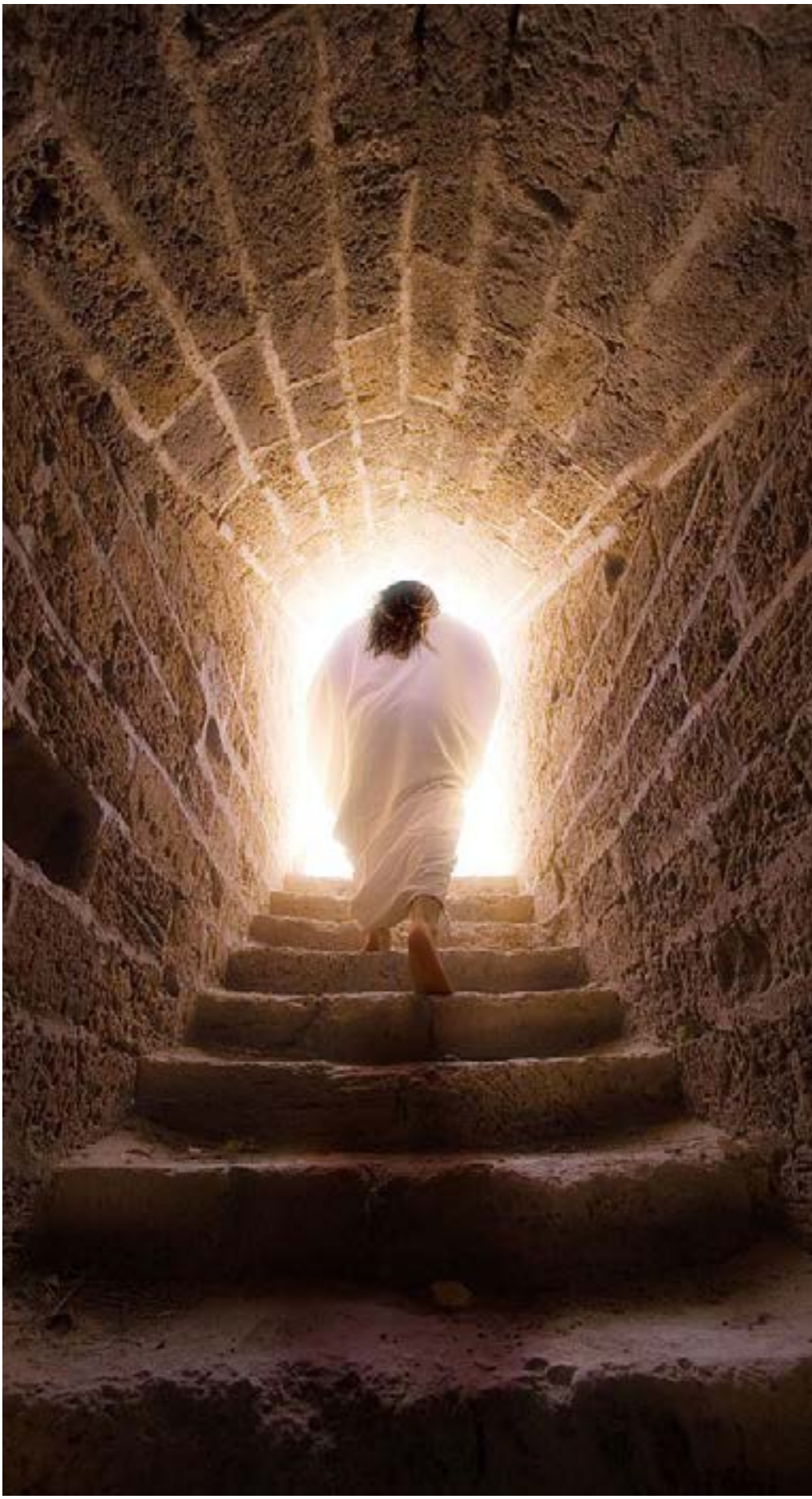
O 2º versículo reafirma a nossa filiação divina e abre uma janela para nossa realização maior ainda, uma revelação mais profunda da nossa identidade em Jesus - o Filho. Embora filhos de Deus, ainda caminhamos neste mundo de luzes e sombras e nossa visão de Jesus não é tão nítida, pois só o conhecemos através da fé. Mas quando Jesus se manifestar, nossa santidade vai transparecer e seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é; todas as sombras desaparecerão e o clarão da luz de Deus iluminará todo o nosso ser.

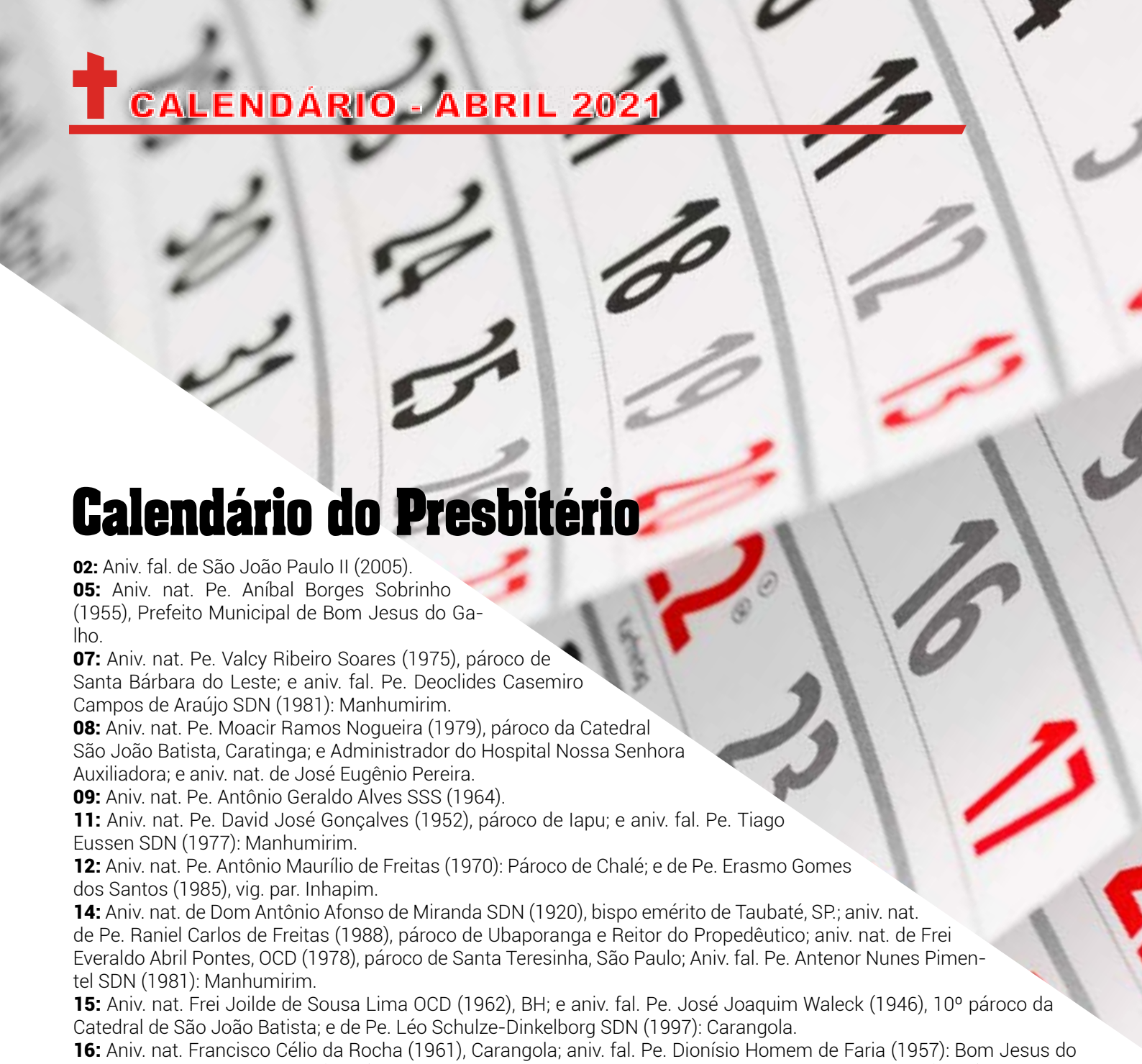
EVANGELHO - Jo 10, 11-18

O capítulo 10º de João se inspira no capítulo 34 de Ezequiel. Lá se faz uma crítica pesada aos líderes e pastores do povo que, praticamente, abandonaram o povo para cuidarem de seus próprios interesses. Deus anuncia que ele mesmo será o pastor de seu povo. Lembramos que no capítulo anterior (Jo 9) os Dirigentes judaicos não aceitaram a cura do Cego de nascença e ainda o expulsaram da Sinagoga. Agiram, assim, como maus pastores, como mercenários. João, no capítulo 10º, apresenta Jesus, o bom pastor, como a realização da profecia de Ezequiel, critica as instituições que estavam massacrando a vida do povo e chama de mercenárias suas lideranças. Nos versículos anteriores, Jesus chama os que vieram antes dele de ladrões e assaltantes. O que temos aqui, em síntese, é um contraste, entre o bom pastor e os mercenários. Quem é o bom pastor? É aquele que cuida maternalmente de suas ovelhas a ponto de dar a vida por elas diante dos perigos dos lobos. O bom pastor conhece suas ovelhas e é conhecido por elas. Jesus diz que a relação de conhecimento entre ele e suas ovelhas é igual à relação de conhecimento entre ele e o Pai. Quer dizer que Jesus vive em profunda comunhão com suas ovelhas. Quem é o mercenário? São as lideranças políticas e religiosas de Israel. Aliás, as lideranças de Israel estão sendo lobos para as ovelhas, pois as estão roubando e assaltando. Estão cuidando apenas delas mesmas, não se importando com o sofrimento e morte do seu rebanho.

Jesus fala também de outras ovelhas que pertencem a outro redil. Ele quer apascentá-las também, quer que elas escutem sua voz, quer que haja um só rebanho e um só pastor. É um grito ecumênico no evangelho de João.

No finalzinho, Jesus fala da relação de amor entre ele e o Pai. O Pai o ama e ele corresponde a este amor, entregando livremente sua vida na cruz em benefício de suas ovelhas, na certeza de que o amor do Pai que está nele o fará ressurgir glorioso. O mandamento do Pai é o amor total.





Calendário do Presbitério

02: Aniv. fal. de São João Paulo II (2005).
05: Aniv. nat. Pe. Aníbal Borges Sobrinho (1955), Prefeito Municipal de Bom Jesus do Galho.
07: Aniv. nat. Pe. Valcy Ribeiro Soares (1975), pároco de Santa Bárbara do Leste; e aniv. fal. Pe. Deoclides Casemiro Campos de Araújo SDN (1981): Manhumirim.
08: Aniv. nat. Pe. Moacir Ramos Nogueira (1979), pároco da Catedral São João Batista, Caratinga; e Administrador do Hospital Nossa Senhora Auxiliadora; e aniv. nat. de José Eugênio Pereira.
09: Aniv. nat. Pe. Antônio Geraldo Alves SSS (1964).
11: Aniv. nat. Pe. David José Gonçalves (1952), pároco de Iapu; e aniv. fal. Pe. Tiago Eussen SDN (1977): Manhumirim.
12: Aniv. nat. Pe. Antônio Maurílio de Freitas (1970): Pároco de Chalé; e de Pe. Erasmo Gomes dos Santos (1985), vig. par. Inhapim.
14: Aniv. nat. de Dom Antônio Afonso de Miranda SDN (1920), bispo emérito de Taubaté, SP.; aniv. nat. de Pe. Raniel Carlos de Freitas (1988), pároco de Ubaporanga e Reitor do Propedêutico; aniv. nat. de Frei Everaldo Abril Pontes, OCD (1978), pároco de Santa Teresinha, São Paulo; Aniv. fal. Pe. Antenor Nunes Pimentel SDN (1981): Manhumirim.
15: Aniv. nat. Frei Joilde de Sousa Lima OCD (1962), BH; e aniv. fal. Pe. José Joaquim Waleck (1946), 10º pároco da Catedral de São João Batista; e de Pe. Léo Schulze-Dinkelborg SDN (1997): Carangola.
16: Aniv. nat. Francisco Célio da Rocha (1961), Carangola; aniv. fal. Pe. Dionísio Homem de Faria (1957): Bom Jesus do Galho; Mons. João de Barros (1941): Mutum, Faria Lemos, Tombos; e de Pe. Romário José de Oliveira (2011).
17: Aniv. ord. Frei João Bonten OCD (1966), BH.
18: Aniv. nat. Pe. Elias de Souza Dorneles (1979): pároco de Tombos; Pe. Júlio César de Souza Pereira (1985), pároco de Simonésia; e de Pe. Hígor Luiz Arantes Nepomuceno (1995), vig. par. Catedral.
19: Aniv. ordenação episcopal de Dom Emanuel Messias de Oliveira (1998), 6º bispo diocesano de Caratinga.
21: Aniv. nat. Pe. Antônio de Souza Alves (1962), Vig. Par. Ipaba; e de Grimaldo Martins de Souza (1972), Ponte Nova.
22: Aniv. natalício de Dom Emanuel Messias de Oliveira (1948), 6º Bispo Diocesano de Caratinga; e de Pe. Malvino Roberto Pires Neto (1994), Vig. Par. Ipanema.
23: Aniv. nat. Pe. Fabrício Almeida de Moura (1976), pároco de Imbé de Minas.
24: Aniv. fal. Pe. José Miguel Arantes (1936): Inhapim.
25: Aniv. nat. Pe. José Paula Vilela (1975), pároco de Mutum. - Aniv. fal. Dom Helvécio Gomes de Oliveira (1960), arcebispo de Mariana; e de Pe. Francisco Dias da Fonseca (1978): Sacramento.
26: Aniv. fal. Dom José Moreira Bastos Neto (2014), Bispo Diocesano de Três Lagoas, MS; e de Pe. Robson Teixeira Campos, SDN (2018).
27: Aniv. nat. Pe. Raimundo Turíbio Costa (1951), pároco de Caputira; e de Pe. Matias José Pereira, pároco de Santa Rita de Minas.
28: Aniv. nat. de Pe. Vicente de Paula Dornelas, PIME (1954).
30: Aniv. nat. Frei Ânderson Fontes Dias, OCD.(1985).

Datas Diversas - Abril:

01: Dia da Mentira
02: Dia do Propagandista
07: Dia do Corretor
07: Dia do Jornalismo
07: Dia do Médico Legista
07: Dia Mundial da Saúde
08: Dia da Natação
08: Dia do Correio
08: Dia Mundial do Combate ao Câncer
09: Dia Nacional do Aço
10: Dia da Engenharia
10: Dia do Exército Brasileiro
12: Dia do Obstetra
13: Dia do Office-Boy
13: Dia dos Jovens
14: Dia Pan-Americano
15: Dia da Conservação do Solo
15: Dia Mundial do Desenhista
15: Dia do Desarmamento Infantil
18: Dia Nacional do Livro Infantil
18: Dia de Monteiro Lobato
19: Dia do índio
20: Dia do Diplomata
21: Tiradentes
21: Dia do Metalúrgico
22: Descobrimento do Brasil
22: Dia da Força Aérea Brasileira
23: Dia Mundial do Escoteiro
24: Dia do Agente de Viagem
24: Dia Internacional do Jovem Trabalhador
25: Dia do Contabilista
26: Dia da Primeira Missa no Brasil
27: Dia da Empregada Doméstica
27: Dia do Sacerdote
28: Dia da Educação
30: Dia do Ferroviário

Calendário Pastoral – Abril 2021

02: Sexta-Feira Santa: Paixão do Senhor, Dia de Jejum e abstinência. 15 horas: Celebração da Paixão.
03: Vigília Pascal.
04: Páscoa da Ressurreição do Senhor.
08: Dia Mundial de Combate ao Câncer.
08: Aniversário da criação da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida (2014), Carangola.
09: Aniversário da criação da paróquia São João Batista (1963), São João do Oriente.
11: Domingo da Divina Misericórdia.
12: Aniversário da criação da paróquia São José (1959), Vargem Alegre.
21: Tiradentes
28: Aniversário da criação da paróquia Santo Estêvão (1932), Iapu.

Diego Andrade de Jesus Lelis, CMF

Páscoa

E, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo que é entregue por vós: fazei isto em memória de mim.
1 Coríntios 11: 24

Pão em todas as mesas!
Da Páscoa a nova certeza!
A festa haverá
E o povo a cantar, aleluia!

(Zé Vicente)

Chegamos ao tempo da Páscoa. É importante recordar o sentido desta festa. No Antigo Testamento, ela é celebrada pela libertação do povo feito escravo na terra do Egito. Esta passagem fala de um povo que sai do jugo da escravidão para tornar-se livre, anuncia uma mudança de vida, de compreensão da vida, de Deus e da própria existência. O sangue do cordeiro imolado e marcado nas portas das casas é um sinal de compromisso com o Deus libertador e com as suas causas (cf Ex 12).

É importante destacar que o livro do Êxodo atrela o compromisso selado naquela noite à partilha: "Se a família não for bastante numerosa para comer um cordeiro, convidará também o vizinho mais próximo" (Ex 12,4). Nenhuma família deve ficar sem alimentar-se daquela ceia que marca uma vida nova, seja com a carne do cordeiro, seja com o pão sem fermento.

No Novo Testamento, esta festa é revestida de novo sentido. O Cordeiro que garante a fidelidade e o compromisso é o Cristo, o Filho do Deus vivo e libertador. A ceia é repetida pelo Mestre de Nazaré, não mais como recordação da saída do Egito, mas como marco de um novo tempo. Nesta ceia, Jesus é o Cordeiro que se entrega, que se oferece livremente para ser imolado.

Os autores do livro sagrado narram esse momento do Mestre de Nazaré e dos seus seguidores, com profunda riqueza de detalhes, quase que pintando em palavras o momento e nos convidando a adentrarmos nas minúcias daquela ceia. Fazem questão de detalhar as palavras e os gestos do Cristo. Expressões como "partiu o pão", "olhou para o céus", "rendeu graças" "entregou aos seus discípulos dizendo tomai todos e comei, isto é o meu corpo que será entregue por vós", "fazei isto em minha memória", não estão ali por acaso. Nem tão pouco é por acaso que o Mestre tenha escolhido que a sua memória fosse feita ao partir do pão. Aqui, mais uma vez o pão aparece como símbolo daquilo que é vivido e celebrado. O pão partilhado torna-se sinal da presença e da entrega de Cristo.

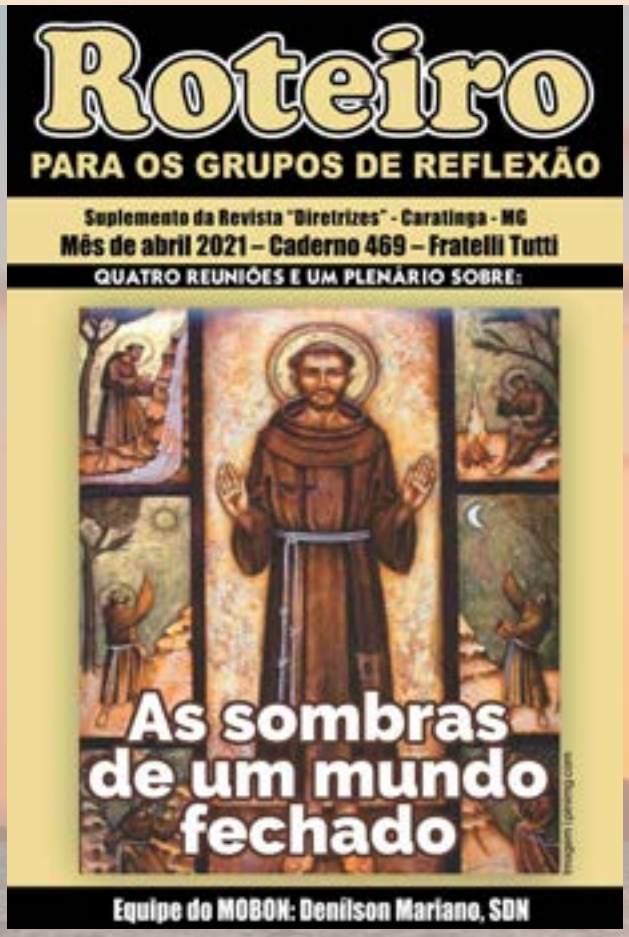
Hoje, passados dois milênios, continuamos a celebrar a festa da Páscoa e a presentificar a entrega de Cristo. Em cada Missa, repetimos continuamente aquilo que o Cristo fez naquela Ceia. Vivemos a Páscoa e presentificamos a entrega do Cristo. Alegria maior não há! Contudo, a festa da Páscoa deve ser para nós um interrogante. Será que todos os nossos irmãos têm pão? Será que a partilha do pão não deve ser vivida para além dos altares das nossas igrejas, fazendo com que todos os necessitados vivam a festa da Páscoa e a memória do Cristo?

A celebração da Páscoa do Senhor deve estar atrelada àquilo que Ele mesmo anunciou como sua missão: "Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10, 10).

Vivemos um momento de profunda crise humanitária. Em nosso país, mais de 14 milhões de pessoas estão desempregadas, o nosso povo padece de fome, está assolado pela doença, pelo desemprego e pela falta de esperança. Acredito que a celebração da Páscoa do Senhor seja um profundo e urgente convite para sairmos do Egito da indiferença, rumo à Canaã da partilha, do amor e do compromisso. A partilha do pão, realizada no Egito e retomada pelo Cristo, deve continuar em nossas vidas, como manifestação do Deus da vida, da partilha e do amor.

Que o Senhor nos ajude a celebramos a sua Páscoa, atravessando o pântano do egoísmo e da autossuficiência, rumo à nova terra, à vida nova em Cristo salvador.

Suplemento



Quatro reuniões e um plenário sobre:

As sombras de um mundo fechado

Preparado pela equipe do MOBON
Denilson Mariano, SDN

Caderno 469, abril de 2021.

“Ó sangue e água, que jorrastes do Coração de Jesus, como fonte de misericórdia para nós, eu confio em vós.”
facebook.com/savcaratinga
@SAVCARATINGA
https://www.diocesecaratinga.org.br